

Mediação de leitura e contação de histórias: experiências com turmas da EJA¹

Reading mediation and storytelling: experiences with EJA classes

Glória Maria de Souza GOMES²
Liliane Maria JAMIR E SILVA³

Resumo: O tema deste artigo se refere à mediação de leitura e à contação de histórias como práticas motivadoras e eficazes para o desenvolvimento e a aprendizagem de estudantes da Educação de Jovens e Adultos - EJA. Procura demonstrar a importância que a mediação da leitura e a contação de história exercem, não só na educação infantil, mas também na educação de jovens e adultos. A pesquisa, de ordem qualitativa e quantitativa, contou com referências bibliográficas e, como instrumento de coleta, um questionário aplicado às educadoras de uma instituição de ensino no Município do Recife. O estudo está fundamentado nas concepções de Martins e Picosque (2012), Victor e Korbes (2011), Busatto (2007), Sisto (2001) entre outros, visando investigar de que modo as professoras da EJA utilizam a mediação e a contação de histórias como atividades pedagógicas possibilitadoras de um aprendizado prazeroso e significativo. Ao final, verificou-se que, não obstante algumas dificuldades, as entrevistadas desenvolvem as referidas dinâmicas, fato que comprova a sua aplicabilidade como prática pedagógica facilitadora da aprendizagem dos educandos inseridos nesse nível de escolaridade.

Palavras-chave: Mediação de leitura. Contação de histórias. Educação de jovens e adultos.

Abstract: This article refers to the mediation of reading and storytelling as motivating and effective practices for the development and learning of students of Youth and Adult Education - YAE. It seeks to demonstrate the importance of the mediation of reading and storytelling roleplaying, not only in early childhood education but also in the education of young people and adults. The qualitative and quantitative research had bibliographic references and, as data-collection instrument, a questionnaire was applied to the educators of an educational institution in the city of Recife. The study is based on Martins and Picosque (2012), Victor and Korbes (2011), Busatto (2007), Sisto (2001) and others, aiming to investigate the use of mediation and storytelling as educational tools. In the end, it was found that, despite some difficulties, the interviewees developed these dynamics, fact that proves its applicability as a pedagogical practice that facilitates students' learning at this level of schooling.

Keywords: Reading mediation. Story telling. Education of youth and adults.

DOI: 10.24024/23585188v14n2a2021p049067

Introdução

A mediação de leitura e a contação de histórias são atividades relevantes no processo de aprendizagem e de incentivo à leitura, desenvolvendo os educandos em diversos aspectos e fases do processo formativo.

Partindo dessa premissa, o presente estudo pretende demonstrar que contar histórias, uma das mais antigas formas de compartilhar conhecimentos, através de várias gerações, constitui ainda uma possibilidade atual, podendo ser utilizada pelos profissionais da educação, como ferramenta pedagógica, em vários níveis da educação básica, inclusive na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Como sabemos, a mediação de leitura e a contação de histórias são práticas pedagógicas de grande relevância, em sala de aula, por trazerem benefícios para o desenvolvimento dos

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Literaturas Infantil, Juvenil e Brasileira da FAFIRE, em junho de 2022, sob a orientação da professora doutora Liliane Maria Jamir e Silva

² Graduada em Letras pela UFPE e em Pedagogia pela UVA | E-mail: gloriamgomes21@gmail.com

³ Doutora em Literatura e Cultura pela UFPB | professora de literatura e editora científica da FAFIRE | E-mail: lilianej@fafire.br

estudantes nos vários níveis de escolaridade. Quem nunca ouviu falar que contar histórias, seja para crianças ou adultos, faz um bem enorme, tanto para quem media, conta, quanto para quem ouve? Quem não gosta de ouvir histórias? E de participar, de dialogar sobre o que ouviu?

O tema também se destaca no que concerne à questão identitária e de memória, visto que grande parte dos estudantes jovens e adultos relacionam as histórias e as leituras com a sua própria realidade, permitindo comparar e refletir sobre questões individuais e sociais através das narrativas vivenciadas em sala de aula.

O estudo estabeleceu como problema investigar se os professores da EJA utilizam a mediação e a contação de histórias em suas aulas como práticas pedagógicas facilitadoras de uma aprendizagem significativa, desenvolvendo os estudantes em seus aspectos emocional e cognitivo.

A problemática surgiu a partir de observação realizada numa escola da Rede Municipal do Recife, o que possibilitou a elaboração de questões norteadoras do trabalho, a saber: a) Até que ponto as práticas de mediação e de contação de histórias vivenciadas pelos docentes da EJA contribuem de forma positiva para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa?; b) De que forma os docentes utilizam, em sua prática pedagógica, uma proposta de mediação de leitura e de contação de histórias como processo facilitador da aprendizagem e do desenvolvimento dos educandos?; c) Como os docentes da EJA desenvolvem a mediação de leitura no contexto de suas práticas pedagógicas, contribuindo para a construção do saber dos educandos?

A pesquisa se constituiu a partir de abordagem qualitativa, contando com referências bibliográficas, leituras de livros e artigos científicos, entre outros, caracterizando-se, também, como quantitativa, tendo em vista a aplicação de um questionário com perguntas semiestruturadas, direcionadas a cinco professoras da EJA da Escola Municipal Professor Antônio de Brito Alves, na Mustardinha, Região Metropolitana do Recife, cujas respostas estão sistematizadas no item 4 deste artigo.

Além desta introdução, este trabalho está organizado de acordo com os seguintes itens: 1) breves considerações sobre o contar histórias; 2) a importância da mediação de leitura no contexto da EJA; 3) contribuições da mediação de leitura e da contação de histórias na EJA; 4) análise de resultados a partir do material coletado, seguindo-se de considerações finais e referências consultadas.

1. Breves considerações sobre o contar histórias

Na Antiguidade, a contação de histórias ajudava as pessoas a passarem o tempo e a vencerem o tédio. Além disso, as histórias também sempre constituíram uma das formas mais significativas que a humanidade encontrou para expressar as suas experiências.

Ao longo dos tempos, as histórias se tornaram uma forma de preservar as culturas e os valores, de compartilhar o conhecimento com outros povos e gerações posteriores. De acordo com Garcia (2003), o “Era uma vez”

tem sido a senha para se entrar no maravilhoso mundo dos contos, mitos, lendas e fábulas. Basta que alguém diga essas três palavrinhas mágicas que o encanto acontece, e nós, adultos e crianças, como que hipnotizadas, esperamos que o contador prossiga com sua narrativa. Por que isso acontece? Porque ao ouvirmos uma história temos a possibilidade de refletir sobre a vida, sobre a morte, sobre nossas atitudes e escolhas [...] (GARCIA, 2003, p. 10).

Neste sentido, a cultura da contação de histórias surgiu quando o ser humano começou a tentar explicar a vida e os fenômenos observados a sua volta. A partir de suas necessidades, os indivíduos, por meio da oralidade, transmitiam suas vivências, crenças, conhecimentos e experiências às futuras gerações.

Fica também evidenciado que a arte de contar história é uma ação vital ao ser humano, e que continua ocupando a sua imaginação até os dias atuais. Como nos ensina Busatto,

[...] no início era assim, dizem os índios makiritare. Num tempo que se perdeu nos tempos, num mundo ainda pleno de magia, este era o universo do contador de histórias e por onde ele se movia. E assim foi durante séculos, e continua sendo até hoje: histórias existem para serem contadas, serem ouvidas e conservarem aceso o enredo da humanidade. O contador narra para se sentir vivo, para transformar sua história pessoal numa epopeia, uma narrativa essencial (BUSATTO, 2006, p.17).

Na contemporaneidade, os encontros em torno das fogueiras foram se transformando em rodas de histórias em salas de aula, em casas de cultura, em bibliotecas, entre outros espaços; o que antes era transmitido oralmente, de geração a geração, hoje é compartilhado em diversas oficinas, numa tentativa de resgatar e dar continuidade à forma de comunicação sem a perda do encantamento. Os tempos mudaram, a sociedade se transformou. Hoje, com a pressa e a desestruturação da família, muitas das atividades lúdicas e interativas foram dando lugar a outros interesses e prioridades.

É nesse contexto que reaparece o contador de histórias; aquele que era tão comum na antiguidade, e que hoje vem inovando sua prática e reconquistando o seu espaço, tornando-se mais criativo, até mesmo para poder competir com a tecnologia, com o objetivo de desenvolver

a mesma função de transmitir valores e compartilhar experiências. E esse momento de apelo à imaginação e de criação tende a acontecer na escola, que se torna o espaço prioritário de formação de leitores. Como nos adverte Regina Zilberman,

O exercício dessa função [...] é delegado à escola, cuja competência precisa tornar-se mais abrangente, ultrapassando a tarefa usual de transmissão de um saber socialmente reconhecido e herdado do passado. Eis porque se amalgamam os problemas relativos à educação, introdução à leitura, com sua consequente valorização, e ensino da literatura, concentrando-se todos na escola, local de formação do público leitor (ZILBERMAN, 1991, p. 16).

De acordo com o supramencionado, a escola hoje é o espaço em que os estudantes realmente escutam histórias e têm contato com os livros; é nela que são estimulados a adquirir o hábito da leitura. Segundo Ferreiro (2001, p. 109), “numa sala de aula deve haver coisas para ler, um ato de leitura é um ato mágico”. Assim, percebe-se que a magia das histórias, trazidas para a sala de aula, despertam o interesse do educando pelos livros e, consequentemente, o prazer pela leitura. Cavalcanti (2002, p. 82) afirma que “[...] a leitura é a janela que se abre para (re) conhecer os infinitos mundos: dentro e fora de nós mesmos.” Neste sentido, reitera-se a relevância da contação no âmbito escolar como estímulo à leitura, trazendo a magia das histórias, uma vez que elas libertam, transformam e transportam leitores e ouvintes para diversos contextos.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil-RCNEI (1998), a contação de histórias é uma atividade essencial para a aquisição de conhecimentos, valores e para o bom desenvolvimento no processo de ensinar e aprender das crianças, pois é uma das maneiras mais significativas que o homem encontrou para expressar suas emoções e experiências.

Por este ângulo, concebemos a contação de histórias como uma estratégia pedagógica que pode contribuir, de forma significativa, na prática docente, especialmente para crianças. O que não significa restrição, visto que elas (as histórias) também podem encantar e entreter jovens e adultos de quaisquer idades. Ouvir histórias estimula a imaginação, educa, instrui e desenvolve as habilidades cognitivas, além de poder funcionar como ponto de partida para a introdução de qualquer conteúdo programático.

Com os avanços da era digital, no século XXI, o contar histórias vem sendo preterido; e os livros, por esta razão, também vêm sendo gradualmente esquecidos e deixados nas estantes das bibliotecas, tornando-se, assim, um desafio ainda maior, para o professor, fazer com que as crianças, em idade escolar, sintam o gosto e o interesse pela leitura.

Sendo assim, o professor necessita lançar mão de vários instrumentos para a contação de histórias, e a tecnologia deve ser utilizada como meio de aproximação dessa vivência. Não podemos ignorar esses recursos tecnológicos, mas tomar consciência dessa nova realidade social, que exige, dos educadores, uma nova postura, um novo fazer pedagógico.

Para Sisto (2001, p. 95), contar histórias é “dialogar em várias direções: na arte, na do outro, na nossa. Os objetivos podem mudar: é recrear, é informar, é transformar, é curar, é apaziguar, é integrar. Podem se alternar, mas, nunca acaba com o prazer de escutar, de participar, de criar junto”.

Nota-se, assim, que é possível uma relação constante entre a contação de histórias e as tecnologias. Os recursos podem mudar, mas o prazer em ouvir, a transformação pessoal e a imaginação vão permanecer vivas no olhar do ouvinte/espectador. Por esse prisma, a contação de histórias ganhará outro significado para os alunos, favorecendo uma releitura e uma nova escuta e, desta forma, o professor também despertará o gosto e o interesse pela leitura.

Portanto, o ato de contar histórias vem a ser um estímulo para despertar a sensibilidade e o encantamento, um modo peculiar de perceber o mundo e as coisas possíveis. A contação de histórias é uma ferramenta capaz de recuperar e transmitir significado para as pessoas, é um ato dinâmico, social e coletivo que se efetiva pela escuta e pela sensibilização dos ouvintes.

2. A importância da mediação de leitura no contexto da Educação de Jovens e Adultos

Como vimos demonstrando, a investigação, fundada em referenciais teóricos direcionados ao tema, teve como objeto de estudo a observação da própria leitura e da contação de histórias no contexto escolar.

Com relação à mediação, Martins e Picosque (2012, p. 33) afirmam que o ato de mediar há de ser provocativo e instigante. "Um ato capaz de abrir diálogos, também internos, ampliados pela socialização dos saberes e das perspectivas pessoais de cada fruidor." Já a contação de histórias, segundo Vitor e Korbes (2011), deve ser considerada uma ferramenta pedagógica importantíssima a ser valorizada, visto contribuir para o desenvolvimento da criança em vários aspectos, proporcionando momentos de prazer e, simultaneamente, servindo de alicerce no processo de aprendizagem. Por isso, essas práticas tornam-se relevantes na construção do processo ensino aprendizagem dos estudantes de qualquer idade.

Entretanto, fez-se necessário pesquisar/refletir com mais ênfase sobre as citadas abordagens no contexto da EJA, visto que tais práticas geralmente são recorrentes na Educação

Infantil, tornando-se, geralmente, escassas ou inexistentes tão logo os estudantes sejam promovidos para outras modalidades e níveis de ensino.

Martins e Picosque (2012, p. 10) afirmam que mediar é romper com o que está determinado, "[...] é ter um olhar ampliado que possibilita ao outro a descoberta". Desta forma, o estudante amplia seu conhecimento de mundo, questiona, busca e traz novos conhecimentos através da leitura mediada pelo professor em sala de aula.

Para Antônio Candido (1995), o acesso à leitura é um direito do ser humano, assim como o ato de comer. O processo de leitura trabalha aspectos da humanização, pois não pode haver um equilíbrio psíquico e social sem a literatura. E assim sentencia:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos à natureza, à sociedade, ao semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

Por este prisma, o autor enfatiza que a leitura literária nos torna mais humanos, contribui para nossa mudança como indivíduo, pois, por meio dela, podemos entender melhor as próprias necessidades e as do outro. Na perspectiva de Candido (1995), compreende-se que esse processo simbólico, próprio da arte literária, está implícito tanto nas fábulas quanto em textos mais elaborados, em cujo tecido, a fusão da imaginação com a realidade tende a formar o leitor consciente.

Essa característica de humanização, preconizada por Candido, também se apresenta na perspectiva de Paulo Freire (2005). Para este grande educador brasileiro, a prática literária vai além dos quesitos relacionados à alfabetização, constituindo-se uma ação educativa libertadora. A leitura relaciona-se à libertação do indivíduo, que passa não somente a ler o mundo, mas a entendê-lo e questioná-lo, promovendo a libertação.

Vale ainda ressaltar que, para ser um bom mediador, o professor precisa ser um leitor; ele também precisa demonstrar que gosta de ler, para de fato incentivar o gosto e o prazer pela leitura. É essencial que tenha domínio e conhecimento sobre as práticas de leitura, visto que seu papel será de suma importância para a formação de novos leitores. Assim, o mediador de leitura deve ter o compromisso de se preparar para atrair diferentes públicos e levar a leitura para o ambiente escolar de forma eficaz e significativa.

Nessa perspectiva, Maria Giovana G. Farias afirma que “A mediação da informação serve como estímulo e exerce uma função primordial na promoção do diálogo, para indicar possíveis caminhos para o desenvolvimento de competências e, conseqüentemente, para subsidiar o protagonismo social” (FARIAS, 2016, p. 108). Assim, através de uma mediação criativa, os estudantes vão despertando para a leitura e, conseqüentemente, adquirindo hábitos relevantes com os livros.

Segundo Nunes (2015, p. 15), “a mediação é um elemento fundamental no processo que pode levar alguém a aprender, a adquirir conhecimentos e a interagir de modo mais consciente em sua comunidade e na sociedade em que habita”. Ademais, a mediação da leitura deve ocorrer de forma abrangente, de modo que possa atrair crianças, jovens e adultos, e que seja vista como uma atividade cujo principal objetivo seja transformar, em leitores, aquelas pessoas que desconhecem a importância da leitura, para que descubram que ela pode transformar suas vidas e abrir novos horizontes, desenvolvendo o senso crítico, social e cultural, contribuindo para a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento intelectual.

A mediação da leitura também pode ser realizada pelos contadores de histórias, e estes profissionais necessitam de melhor fundamentação teórica sobre leitura e literatura para poderem atuar de forma efetiva no processo de aprendizagem dos estudantes. Para Busatto (2007, p. 22), além dos mediadores de leitura (contadores de histórias), os bibliotecários, os professores atuantes em bibliotecas escolares, os professores em geral e os pais dos alunos podem exercer um importante papel como agentes, na medida em que também são responsáveis pelo envolvimento das crianças e dos adolescentes nessa tarefa de formação leitora.

3. As contribuições da mediação de leitura e da contação de histórias na EJA

Conforme vimos defendendo, a mediação de leitura em sala de aula, entre outros aspectos formativos aqui expostos, favorece a aprendizagem na aquisição da linguagem oral e da escrita. Nesse intuito, cabe ao professor o papel de mediador e criador de situações de ensino que conceba o prazer para esse aprendizado. Solé (1998, p. 90) ressalta que “ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas”. Ler é, sobretudo, uma atividade voluntária em que devemos levar em conta o ‘estar motivado’, o ‘estar interessado’.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998), o ensino e a aprendizagem se processam através de três variáveis: o aluno, o objeto de ensino, a aprendizagem (o conhecimento) e a mediação do professor. O documento esclarece que,

Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem (BRASIL, Parâmetros curriculares nacionais / Língua Portuguesa, 1998, p. 22).

Desta forma, a mediação de leitura realizada pelo professor é fundamental no processo de aprendizagem, pois ele é o orientador das atividades desenvolvidas para que o educando adquira a maturidade leitora em quaisquer fases da escolaridade, inclusive na EJA, objeto central da presente investigação.

Assim sendo, cabe aqui referendar brevemente a importância histórica da Educação de Jovens e Adultos, uma vez que ela surgiu desde a colonização do Brasil, através dos interesses da igreja católica em catequizar os primeiros habitantes das terras brasileiras. Desde então, a EJA, como atualmente é conhecida, vem sofrendo várias mudanças e alcançando muitos avanços (SILVA; MOURA, 2013). Paulo Freire foi o principal precursor desta modalidade, ao criar o Plano de Alfabetização Nacional, com o intuito de formar cidadãos reflexivos e críticos, com uma visão diferenciada do mundo que os cerca. Com a chegada da ditadura militar, sua criação foi esquecida, dando espaço ao Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL. Após o fim da ditadura militar, na década de 80 do século XX, com a promulgação da Constituição de 1988, houve transformações sociopolíticas no país, garantindo o ensino fundamental obrigatório e público para as pessoas que não tiveram acesso à escola, iniciando, assim, uma luta para um futuro melhor, com uma educação democrática e de qualidade.

Compreende-se, desta forma, que educação de jovens e adultos constitui um contexto oportuno de aprendizagem para aqueles que não puderam frequentar a escola em tempo adequado por algum motivo. É, portanto, uma modalidade de ensino inclusiva, visto oferecer a possibilidade de concluir o processo de escolarização àquelas pessoas que não tiveram acesso ao ensino regular ou dele foram excluídos.

As práticas de mediação de leitura, na EJA, devem priorizar o ensino de leitura, momento em que o aprendiz deve ultrapassar o domínio da oralidade e se apropriar do código escrito. Nessa perspectiva, como destaca Solé,

A leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. Nesta compreensão intervêm tanto o texto, sua forma e conteúdo, como o leitor, suas expectativas e conhecimentos prévios. Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias (SOLÉ, 1998, p. 23).

Dessa forma, percebe-se que o aluno/leitor passa a ter um papel ativo no processo de ensino-aprendizagem da leitura, buscando compreender o texto lido e, sucessivamente, a realidade ali representada. Por sua vez, toda a bagagem trazida pelos alunos os encaminhará para procedimentos interacionais necessários ao diálogo com os textos e, conseqüentemente, com a realidade, já que a leitura é uma ferramenta essencial à mobilidade social e ao exercício da cidadania.

O professor mediador de leitura deve buscar formar leitores autônomos capazes de aprender, por meio dos textos, tornando-se leitores capazes de interrogar, de opinar, de relacionar o que lê ou ouve com suas vivências e com o conhecido acervo cultural, questionando e ampliando o seu próprio conhecimento, transferindo o que aprendeu para diferentes contextos. Por isso, conforme aponta Costa (1991), o professor hoje deve ter consciência da importância da leitura para o desenvolvimento pessoal, intelectual e social dos jovens estudantes

Nesse contexto, o contar histórias surge auxiliando na elaboração de uma educação libertadora, por proporcionar, mediante os diversos temas, conteúdos relevantes no processo dialógico e reflexivo, visto que os textos retratam dificuldades e situações vividas numa cultura, gerando soluções para comportamentos e decisões que conduzem o ser humano a (re)pensar sobre si e sobre o outro.

Por outro lado, ler e contar histórias revelam-se como recursos pertinentes ao processo da alfabetização, pois conduz o indivíduo a falar, seja para repeti-las, seja para recriá-las, seja ainda pela recusa ou pelo elogio, comparando o universo ficcional a pessoas e situações conservadas na memória e/ou presenciadas na vida de quem conta/media/lê ou de quem ouve.

A contação de histórias é importante na construção da aprendizagem de jovens e adultos no que diz respeito ao desenvolvimento psicossocial e cultural, visto gerar, entre os indivíduos, um contato humano mais sensível, acolhendo e estimulando os que se mostram mais tímidos, incentivando a todos os participantes, ouvintes ou leitores, a buscarem novas respostas para os conflitos representados no texto literário vivenciado (seja um conto, uma fábula, um poema, uma lenda, entre outros).

Nessa perspectiva, partimos da premissa de que a leitura permite integrar o que se lê às experiências vividas e instigar o leitor a expressar sua visão de mundo a partir do que concebe de si mesmo. Sendo assim, o ato de ler deve ser considerado um processo interativo, no sentido de que os diversos conhecimentos prévios interagem, a todo o momento, com os oferecidos pelo texto e/ou novo contexto (RAMOS, 2011, p. 28).

Considerando-se o poder que a palavra pode exercer sobre os indivíduos, concebe-se, também, o quanto ela será viável como instrumento motivador e sensibilizador, notadamente ao ser proferida na voz do professor mediador, cuja responsabilidade, na vivência literária, será de suma importância para que o estudante da Educação de Jovens e Adultos, sendo alfabetizado/letrado ou não, possa ouvir (vez que ainda não lê), pois a escuta, em sala de aula, também suscita o diálogo imprescindível à transformação social dos educandos, encorajando-os, assim, a não desistir de sua extemporânea trajetória estudantil.

De um modo geral, na Educação de Jovens e Adultos, a contação de histórias ainda caminha a passos curtos, pelo fato de ocorrer o preconceito de que os adultos não gostam de ouvir histórias. Mas, na realidade, não é o que aqui se defende, pois, como exposto anteriormente, o adulto que ouve histórias terá mais facilidade com a aprendizagem da leitura e irá acumulando conhecimentos que poderão servir como conhecimentos prévios necessários à compreensão leitora, quando do momento da aquisição da linguagem escrita.

Dessa forma, a presença da contação de histórias representa um caminho que leva o indivíduo a tomar gosto pela leitura. Segundo Torres e Tettamanzy (2008, p. 3), a contação de histórias não serve apenas para divertir ou estimular a imaginação, mas também para educar, instruir, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para o ensino de conteúdos programáticos, motivar para o aprendizado, dentre outros.

Em resumo, a mediação e a contação de histórias na EJA visam contribuir para aproximar jovens e adultos dos livros e do mundo da leitura de forma lúdica, prazerosa e, portanto, significativa, desenvolvendo sua comunicação, seu conhecimento de mundo, suas habilidades psicossociais, cognitivas, seu senso crítico, ampliando a sua imaginação e sua criatividade.

4. Análise dos resultados

Feitas as considerações preliminares e a apreciação do aporte teórico, o artigo passa a descrever o campo metodológico, notadamente no que se refere ao resultado obtido através da recolha de informações através das respostas dos sujeitos ao questionário utilizado.

A pesquisa foi realizada entre maio e junho de 2022. No primeiro momento foram entregues os questionários impressos com perguntas fechadas. Em outro momento, o questionário com questões abertas, para melhor compreensão e detalhamento da interpretação dos resultados. No sentido de preservar o anonimato das docentes entrevistadas, elas serão aqui

identificadas por professoras A, B, C, D e E. A seguir, apresentamos a análise do conteúdo das respostas recebidas, na ordem em que foram propostas no questionário.

Iniciando os blocos das questões, foi indagado se as entrevistadas desenvolviam atividades de mediação de leitura nas turmas da EJA. A professora A assim respondeu: “Sim, estimula a compreensão e faz inferência ao dia a dia deles.” A professora B disse que “É uma atividade de suma importância em qualquer nível de letramento.” Já a professora C disse que “Ler histórias da literatura brasileira infantil ou juvenil na educação de jovens e adultos deve fazer parte da prática pedagógica.” A professora D afirmou que “Sim, percebe que a leitura desenvolvida nas aulas aproxima mais o professor do aluno, e no caso da EJA é de suma importância, pois, os jovens e adultos que voltam a estudar, sentem essa carência e necessitam dessa interação.” A professora E respondeu: “Sim, pois acho[u] importante porque desenvolve a oralidade como também a interação entre professor e aluno.”

Notou-se que as professoras desenvolvem atividades de mediação de leitura nas turmas da EJA, pelo seu efeito positivo na vida escolar e também pessoal. Nessa perspectiva, é oportuno recorrer a Martins (2005, p. 43), ao afirmar que a mediação é um “[...] encontro, meio, estratégia, método para ensinar determinado conteúdo, ou, ainda, momento de refinamento cultural, percepção, que provoca trocas, nutrição e experiência estética, conhecimento para a apreciação ou processo de criação”.

Quando perguntado às entrevistadas se consideravam importante contar histórias na EJA, a professora A informou que “Sim, pois explora e desperta a curiosidade, o senso crítico e a compreensão do que é tratado na leitura.” A professora B disse que “Até mesmo os adultos necessitam de momentos com essa prática pedagógica, pois leva a reflexão e troca de experiências.” A professora C afirmou que “A contação de histórias precisa está explícita no planejamento pedagógico não sendo apenas um dia específico, mas uma prática cotidiana em sala de aula.” Já a professora D enfatizou que, “com certeza, porque os estudantes da EJA se sentem excluídos, envergonhados por ainda estarem aprendendo a ler ou escrever, e as histórias proporcionam uma aproximação, reflexão e maior interação.” A professora E disse que “Sim, [pois], para a educadora a contação de histórias é uma ferramenta pedagógica que contribui para o desenvolvimento da criança, do jovem e do adulto, proporcionando prazer e consequentemente aprendizagem.”

Conforme comentado pelas professoras, a contação de histórias é uma ferramenta que facilita e desenvolve todo processo de aprendizagem. Percebe-se que as educadoras têm consciência da importância da contação na sala de aula nas turmas da EJA, visto apresentar muitas possibilidades produtivas e prazerosas, estimulando a criatividade e despertando o interesse pelas

aulas. A esse respeito, vale a pena transcrever o pensamento de Vitor e Korbes (2011, p. 2), ao enfatizar que

[...] a contação de histórias [...] é umas das ferramentas pedagógicas importantíssimas e que deve ser valorizada, pois a mesma contribui para o desenvolvimento da criança em vários aspectos, ela proporciona momento de prazer e ao mesmo tempo serve de alicerce dentro do processo de aprendizagem.

E como ferramenta trabalhada com uma prática pedagógica peculiar, conforme procurou-se referendar anteriormente, a mediação e a contação de histórias vão além da educação infantil, interessando e motivando jovens e adultos a irem em frente no processo educativo.

Ao serem interrogadas se a mediação de leitura e a contação de histórias, como práticas pedagógicas, facilitam o processo de aprendizagem e o desenvolvimento dos educandos, a professora *A* respondeu positivamente: “Sempre, pois essas práticas fazem com que comecem a ampliar o vocabulário, a compreensão do que foi exposto e partilhado”. Já a professora *B* afirmou: “Sim, pois a mediação de leitura trata da interação professor e aluno.” A professora *C* ratificou que “Nas turmas da EJA é de fundamental importância que esta prática seja estimulada, devido à importância da oralidade e da articulação do pensamento crítico, neste público”, reforçando que em todos os níveis de ensino também. Já a professora *D* enfatizou: “Claro que sim, essas práticas pedagógicas desenvolvem no estudante o interesse pelas aulas, amplia o vocabulário, ajuda a se expressar melhor, a escrever despertando a criatividade e a imaginação.” Também respondendo afirmativamente, a professora *E* disse: “Sim, essas ferramentas são alicerces dentro do processo de aprendizagem.”

Notou-se, mais uma vez, que as educadoras entrevistadas utilizam a mediação de leitura e a contação de histórias em suas práticas pedagógicas por perceberem a importância no processo de aprendizagem. Sob essa ótica, Fanny Abramovich (2004, p. 16) salienta essa importância para a formação do ser humano, ao atestar que “ouvir histórias ajuda na formação de um bom leitor, na descoberta e compreensão do mundo.”

Na sequência, foi indagado às professoras se consideravam importante participar de oficinas de mediação de leitura e contação de histórias, visando melhorar a prática pedagógica. A professora *A* afirmou que “Sim, tudo que agrega conhecimentos e novos aprendizados facilita o percurso de comunicação entre o docente e o discente.” A professora *B* disse que “Aprimora a forma de ensino-aprendizagem entre professor e estudante.” Já a professora *C* endossou que “Sim, são práticas que incentivam e enriquecem o fazer pedagógico e irá colaborar, de forma decisiva, na construção de um cidadão mais ativo, participativo em seu processo de construção

de conhecimentos.” A professora *D* disse também que “Sim, [pois,] além de adquirir conhecimentos, nós aprendemos novas técnicas e caminhos para ajudar os professores a desenvolverem melhor a sua prática pedagógica,” como também aprovou a professora *E*, ao destacar: “Sim, já participei de oficinas online e utilizo algumas técnicas em minhas aulas.”

Percebe-se que as professoras entrevistadas consideram relevante aprimorar suas práticas pedagógicas, visto que elas contribuem para a construção do conhecimento do aluno, em seu aspecto teórico e, conseqüentemente, em seu fazer prático, reiterando que a participação em oficinas agrega conhecimentos e fortalece a dinâmica pedagógica.

Nesse sentido, como defende Weisz, “[...] a função do professor é criar as condições para que o aluno possa exercer a sua ação de aprender participando de situações que favoreçam isso” (WEISZ, 2002, p. 23).

Indagou-se, ainda, sobre o professor formador de leitores, no sentido de ele buscar desenvolver atividades de mediação de leitura e de contação de histórias como recursos que facilitam no processo da formação leitora. A professora *A* afirmou que “Busca sim, pois traz elementos que contribuirão para a jornada da EJA.” A professora *B* disse que “O professor formador de leitores ensina a ler e ajuda a despertar o gosto pela leitura.” Já a professora *C* enfatizou que “Sim, por isso a concepção da escola, enquanto proposta pedagógica, precisa estar vinculada à importância do ato de ler, não apenas no espaço da sala de leitura e da biblioteca, mas no cotidiano da sala de aula, no cotidiano escolar, em cada cômodo da escola, propiciando momentos de leitura e de deleite com poemas, músicas, cenários e obras literárias em geral. A escola que prioriza a leitura cotidiana apresenta bons resultados e desperta, no educando, a sensibilidade e o encantamento.

Ainda com o mesmo foco, a professora *D* afirmou que “Realmente, estas ferramentas auxiliam no processo de aprendizagem dos estudantes de qualquer nível de ensino e contribuem para a construção leitora.” A professora *E* sinalizou que “Acredita que professores compromissados em desenvolver atividades de leitura em turmas da EJA, vão sim buscar atividades de mediação e contação de histórias, ciente da relevância dessas ferramentas no processo da construção leitora.”

Verificou-se que as educadoras acreditam que mediar leitura e contar histórias facilitam no processo da formação leitora, devendo estar presentes em todas as fases de nossas vidas. Através da leitura ou da contação, somos capazes de viajar no tempo e aguçar a nossa imaginação, além adquirir uma visão de mundo de forma crítica e reflexiva, conforme defende o educador Paulo Freire: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior

leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (FREIRE, 1989, p. 09).

Questionou-se, também, se as professoras concordavam que os educadores deveriam fazer cursos ou formação inicial ou continuada sobre contação de histórias para ajudar os estudantes no processo de ensino aprendizagem da leitura e da escrita. A professora A ressaltou que “Nem sempre fazer cursos ou formações trazem ao professor o melhor dele.” A professora B disse que “Sim, já que possibilita e mostra caminhos para a leitura e troca de experiências entre eles.” A professora C respondeu que “É interessante! Estes cursos e formações agregam conhecimentos que nos ajudam no processo de aprendizagem.” Já a professora D confirmou: “Sim, fiz cursos de contação de histórias e percebi que me ajudou nas atividades desenvolvidas em sala de aula; os estudantes gostam e demonstram interesse, participando e trocando experiências de vida.” A professora E respondeu: “Concordo e, como já disse anteriormente, participei de oficinas e percebi que ajudou nas atividades de leitura e escrita desenvolvidas nas turmas da EJA.”

Segundo as professoras entrevistadas, os profissionais da educação precisam estar em constante aperfeiçoamento. Como salienta Freire (1997, p. 18), “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão sobre a prática.” Portanto, a formação continuada é vista como uma importante condição de mudanças das práticas pedagógicas, visto que o professor precisa se adaptar ao novo e se atualizar. Nesse sentido, Freire (2002, p. 32) ainda ressalta:

Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Ao serem perguntadas se a mediação de leitura e a contação de histórias, normalmente vivenciadas nos anos iniciais do ensino fundamental, como estratégias que contribuem para o desenvolvimento das habilidades leitora e escrita, também podem estimular os estudantes da EJA, a professora A argumentou que “A base se faz com estratégias bem planejadas, então, realizada desde a base infantil repercutirá na vida adulta.” Já a professora B disse que tais práticas “Aproxima [m] o estudante da informação de diversos gêneros do dia a dia.” A professora C ponderou:

Vemos, nos nossos estudantes, uma resistência nas avaliações quando se deparam com um texto. Assim, é preciso que sejam trabalhadas a criatividade na escrita, a curiosidade, a vontade da descoberta, buscando refletir sobre o que foi lido ou ouvido; e isso é importante que aconteça em todas as modalidades de ensino, inclusive com os jovens e adultos.

Já a professora *D* assim sinalizou: “Com certeza contribui em qualquer modalidade de ensino.” Sobre as estratégias em questão, A professora *E* também afirmou que certamente “[...] contribui muito; essas ferramentas aplicadas em qualquer modalidade de ensino facilita o processo de aprendizagem desenvolvendo as habilidades leitora e escrita.

Todos esses depoimentos foram de suma importância para compreender que, na EJA, pela condição de não letrados, os estudantes, via de regra, sentem-se excluídos por não saberem ler ou escrever. Como argumenta Suzana Schwartz,

Os alunos da EJA, em função de fracassos anteriores possuem, muitas vezes, uma baixa autoestima; portanto, precisam ser motivados, e o educador deverá buscar diferentes maneiras de promover e despertar o interesse e o entusiasmo e acima de tudo mostrar a esses alunos que é possível aprender (SCHWARTZ, 2010, p. 13).

No entanto, a mediação e a contação de histórias, assim como estão sendo descritas, nesse estudo, podem funcionar como um meio de superação e de incentivo a esses estudantes, exercitando-os, a partir da oralidade. Neste sentido, as estratégias desenvolvidas com a literatura, seja com a mediação, seja através da contação, certamente vão contribuir favoravelmente para despertar o interesse dos estudantes da EJA motivando-os a conquistar o seu espaço no contexto social.

Outras questões poderiam ainda ser aqui comentadas. No entanto, considerando-se que a pequena mostra apresentada tenha sido expressiva para elucidar o que foi levantado como hipótese neste estudo, vale ressaltar, para fechar o presente item, o que foi relatado, em termos de vivência pedagógica realizada pelas professoras entrevistadas com suas respectivas turmas, conforme se transcreve a seguir:

Fiz a leitura de uma narrativa com os estudantes mediando durante todo o processo de leitura; depois eles leram trechos da história e juntos, discutimos relacionando à realidade deles. Foi um momento importante na vida dos estudantes, que chegam cansados e desestimulados. (professora A)

Desenvolvi em minha prática pedagógica uma mediação de leitura com o livro *A cidade dos carregadores de pedras*, de Sandra Branco, com ilustração de Elma. Os estudantes ficaram em círculo, cada um com um livro, enquanto eu ia lendo a história, observava se estavam acompanhando a leitura; em seguida, comecei a envolvê-los na história relacionando-a às suas histórias de vida. Foi bem gratificante desenvolver esse trabalho e ouvir as histórias e experiências dos educandos da EJA. (professora B)

Organizei uma aula de contação de história na biblioteca. Levei os estudantes da turma da EJA para um momento prazeroso e ao mesmo tempo encantador. Os estudantes ficaram atentos, prestando atenção na história, contaram suas experiências e suas histórias. (professora C)

Desenvolvi um trabalho de mediação de leitura com o livro *Maria do Socorro*, do escritor Leandro Pedro e ilustração de Franklin Rodrigo. Durante a mediação, fui questionando os estudantes sobre o que fazer para aproveitar a vida antes de morrer, (frase marcante no livro). Os estudantes participaram empolgados e depois fizeram desenhos e produziram frases sobre a história. (professora D)

Contei a história de Zé do lago da escritora Glória Gomes, nossa colega de trabalho. É um livro infantil, mas que trata de assuntos para todas as idades. No primeiro momento, mostrei o livro e comecei contando a história e instigando os estudantes a participarem começamos fazendo uma relação com as nossas vidas, foi realizada uma discussão sobre a importância da amizade, do otimismo, em seguida, desenharam trechos do livro e escreviam história. (A professora E)

Isto posto, ficou evidenciado que as professoras entrevistadas defendem e exercitam a mediação de leitura e a contação de histórias como práticas favoráveis ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, não apenas nos anos iniciais da educação básica, mas em todas as etapas de ensino, inclusive na Educação de Jovens e Adultos.

Considerações finais

O presente trabalho visou demonstrar a importância que a mediação da leitura e a contação de história exercem na educação, notadamente na educação de jovens e adultos, possibilitando uma reflexão sobre o ensino e a aprendizagem da leitura nessa modalidade educacional.

Partimos da premissa de que a mediação de leitura e a contação de histórias exercem um papel fundamental no desenvolvimento dos jovens e adultos da EJA, permitindo, assim, o contato dos educandos com o uso da linguagem oral e da escrita de forma contextualizada, levando-os a conhecer novas palavras, a discutir valores como o amor, a família, o respeito, a moral, o trabalho, entre outros temas, e a usar a imaginação, desenvolvendo a criatividade e o pensamento crítico, auxiliando-os na construção de sua identidade pessoal e/ou cultural, melhorando os seus relacionamentos afetivos, interpessoais e abrindo espaços para novas aprendizagens, nos diversos campos do conhecimento.

A pesquisa também apontou muitas dificuldades a serem superadas através de programas de formação a serem implantados e direcionados principalmente aos docentes das turmas da EJA, como também aos demais mediadores de leitura situados em outros setores da escola, como na biblioteca e espaços afins.

Espera-se que o presente trabalho venha a contribuir com outros estudos e pesquisas sobre a mediação de leitura e a contação de histórias, especificamente na EJA, assim como

possibilitou, às professoras participantes da pesquisa, refletirem e (re)pensarem suas concepções e estratégias de leitura, buscando alternativas pedagógicas que possibilitem o desenvolvimento dos estudantes na modalidade de ensino em questão, cujos benefícios poderão ser alcançados para além das escolas da Rede Municipal do Recife.

Em face da exiguidade de tempo e da delimitação quantitativa deste estudo, a pesquisa poderá ser ampliada em outras instâncias, visto que o tema é instigante e carece de estudos, reflexões e discussões que promovam iniciativas de políticas educacionais na perspectiva de formação inicial e continuada para os educadores da EJA e dos atores da rede de ensino em geral.

Referências

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, DF: MEC, 1998.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, DF: MEC:SEF, 1998.
- BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). **Conhecimento de Mundo**. Brasília, DF: MEC/CEF, 1998.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas cidades. 1995.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**: dinâmicas e vivências na ação pedagógica. São Paulo: Paulus, 2002.
- COELHO, Betty. **Contar histórias, uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- COSTA, Val. **Leitura motivada e produção de texto**. Brasília, DF: APLP, 1991.
- FARIAS, Maria Giovanna Guedes. Mediação e competência em informação: proposições para a construção de um perfil de bibliotecário protagonista. In: CID: **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 2, p. 106-125, fev. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/101368>. Acesso em: 30 abr. 2022.

- FERREIRO, Emília; **Reflexões sobre alfabetização**. Tradução Horácio Gonzales, 24. ed. São Paulo, Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler** em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1989. (Col. Polêmicas do Nosso Tempo, v. 4)
- GARCIA, Walkíria *et al.* **Histórias e oficinas pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: FAPI, 2003. (Série Baú do contador de história, v. 5)
- MARTINS, Miriam Celeste (org.). **Mediação**: provocações estéticas. São Paulo: UNESP, 2005.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2012.
- NUNES, Martha Suzana Cabral. **Mediação da informação em bibliotecas universitárias brasileiras e francesas**. 2015. 219f. Tese (Doutorado em Ciência da informação) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3725>. Acesso em: 16 maio 2022.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2005.
- RAMOS, Ana Claudia. **Contação de histórias**: um Caminho para a Formação de Leitores? Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2011. Disponível em http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2011/2011_-_RAMOS_Ana_Claudia.pdf. Acesso em: 16 maio 2022.
- RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia: Gwaya, 2005.
- SANTANA, Sílvia Gomes de. A literatura de cordel na EJA: um diálogo com diferentes práticas de letramento. **Revista Boitatá**. Londrina, n. 18, p. 266-280, jul./dez. 2014
- SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de jovens e adultos**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes 2010.
- SILVA, Hellen Tânia Rodrigues da; MOURA, Tânia Mara Souza. Educação de jovens e adultos – EJA: desafios e práticas pedagógicas. **Revista Eletrônica Univar**, online, v. 3, p. 31 -36,

2013. Disponível em: Revista.univar.edu.br/index.php/interdisciplinar/article/view/53/41. Acesso em: 15 jun. 2022.
- SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- SOUZA, Linete Oliveira de; BERNADINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Educere et Educare, Revista de Educação**, Unioeste, Campus de Cascavel, v. 6, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643/4891>. Acesso em: 24 jun. 2022.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**. Sessão aberta. PPG-LET-UFRGS, Porto Alegre, v. 04, n. 01, jan./jun. 2008.
- VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler**: formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.
- VITOR, Elinete Cordeiro; KORBES, Lenita Maria. A contação de histórias na educação infantil. **Revista Eventos Pedagógicos**. v. 2, n. 1 (2. ed. rev. e aum.), p. 92-100, jan./jul., 2011. <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20673/1/formacaoleitorescontarhistorias.pdf>. Acesso em: 16 maio 2022.
- ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1991.
- WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

Recebido em: 11.08.2022
Aprovado em: 24.08.2022

Para referenciar este texto:

GOMES, Glória Maria de Souza. JAMIR E SILVA, Liliâne Maria. Mediação de leitura e contação de histórias: experiências com turmas da EJA. **Revista FAFIRE**, Recife, v. 14, n. 2, p. 049-067, jul./dez. 2021.